

EDITORIAL

por Jorge Nóvoa

Ah Brasil! Meu Brasil brasileiro? Mas como se há um ano o povo brasileiro, na sua imensa maioria, homens, mulheres, jovens e crianças (crianças sim) sem futuro, trabalhadores, assalariados, desempregados, analfabetos com fome (fome zero?) sofrem cotidianamente com as enxurradas de acontecimentos que não são apenas dramáticos, mais que dramáticos, trágicos, como se estivessem no picadeiro da *sociedade do espetáculo*, sabendo que depois serão comidos por diversos leões? A dívida externa, o mercado internacional, a conjuntura sócio-político-econômica internacional, a mundialização do capital, colocam o Brasil no centro desse furacão, mas sem lhe apresentar saídas. E o que é de dentro, e o que é de fora nessa estrutura/conjuntura? A vergonha com a qual profissionais da política cobriram suas/nossas instituições e a própria arena pública não exime de responsabilidades nenhuma das franjas integrantes do espectro político no presente.

Uma constatação se faz necessária e inevitável: não existem mais partidos institucionalizados como antes! Quais as identidades dos que estão nesse cenário? À direita, tanto quanto à esquerda, não somente se fala a mesma linguagem, como aplicam mais ou menos os mesmos projetos, nos fazendo crer que todos os gatos são pardos e que as escolhas devem ser pragmáticas. Contudo, mesmo com todo este pragmatismo, todos deixam saber que não é uma questão de princípios éticos o que se acha em jogo. Todos, do mesmo modo, querem vender a imagem de que se trata de uma questão ética.

Mas meu Brasil varonil e a Amazônia? Parece que já está se tornando um grande deserto e muito rapidamente! E o que se faz necessário para conter esse desmatamento desenfreado? Quem detém esse poder? As instituições do Estado nacional? A ONU? E os homens públicos, e os cientistas, e os intelectuais? O que dizem? O que fazem? O que pensam? Qual a responsabilidade de cada uma das categorias sociais no atual espectro político inter/nacional?

Afinal, que tempos são esses, povo brasileiro? São tempos modernos, são pós-modernos, ou simplesmente o tempo da barbárie capitalista, da crise avassaladora em todos os níveis e da corrupção orgânica, endógena ao próprio sistema? Na revista *O Olho da História* número 3, já havia refletido sobre a corrupção como mecanismo inerente à concorrência capitalista na sua atual fase e que adquire cada vez mais uma proporção incomensurável e inevitável. A corrupção é indispensável para elevar capitalistas médios, altos técnicos, burocratas e políticos aos patamares os mais elevados na rede seleta da acumulação de capital, pela única via que lhes resta, aquela da ilegalidade, em relação à legalidade instituída pelo próprio Estado-capital. Mas ao transgredirem as leis, os "transgressores" todos, fazem como as gerações precedentes. Eles herdaram os métodos e aperfeiçoaram as formas. Porém, os princípios são os mesmos: salve-se quem puder! Mas não há como contornar um agravante suplementar para a nova geração de corruptores: eles prometeram vida melhor para o povo-povo grita permanentemente se encontrar a saída para esse inferno de Dante! O povo em massa acreditou que seria possível tão elementar

reivindicação. Na decepção, e seguindo os exemplos do *salve-se quem puder*, hoje, os nossos *bras nus*, os nossos *sans culottes*, retornam ao pragmatismo dominante através da palavra de ordem instintiva do "faria pouca, meu pirão primeiro"!

E o que temos nós com isso? Max Weber, que passou a vida inteira buscando contradizer Karl Marx – embora dissesse aqui e ali de sua admiração por ele – dizia que as ciências sociais deveriam ser neutras axiologicamente diante dos apelos conjunturais e que as suas revistas deveriam seguir o mesmo princípio. A tarefa de exercer a crítica e a construção prática de um posicionamento ficaria reservada aos políticos e aos homens públicos. Mesmo sem concordar com os fundamentos de tal posicionamento, poderíamos admiti-lo. Mas teríamos que fazer face também à questão, a saber: o que fazer quando os homens políticos das instituições do Estado se corrompem e os homens públicos se amesquinham ou não existem mais enquanto homens públicos? São muitos os acadêmicos e responsáveis por revistas científicas (e outras) que admitem ser impossível uma neutralidade face às agruras dos tempos. Todavia aceitam isto apenas como um posicionamento epistemológico e sem nenhum compromisso ético, ontológico. Mesmo após haverem criticado os inevitáveis condicionamentos presentistas, argumentam evocando os ideais de um outro cientista social, Emile Durkheim, que sustentava que os analistas deveriam se afastar de suas pré-noções para poder assim, analisar as sociedades objetivamente. Pensava como se eles, os cientistas, estivessem de fora, longe, muito longe da realidade à qual se achavam confrontados! Outros hoje parecem se colocar contra esta posição, mas na prática adotam o referido distanciamento! Os intelectuais estão distantes, como se vivessem esquizoidemente em outro mundo! De qualquer modo estão muito longe de Victor Hugo ou de um Émile Zola do *J'accuse*. Os intelectuais, os homens públicos da razão, parecem não ter nada a dizer de nada. Silêncio? Pode ser! Mas muito mais que silêncio. Em muitos casos, cumplicidade, e em outros, cinismo mesmo ou niilismo puro e duro!

Vivemos uma época que bem pode ser considerada a da *razão cínica*! A invasão do Iraque é chamada de "choque de civilizações". E a "tsunamis" que varreu a França, a Bélgica, a Alemanha, indo parar na Grécia, o berço das civilizações democráticas, como devemos denominá-la? Revolta, desordem, baderna, neoludismo? Os jovens dos bairros pobres parisienses, verdadeiros novos raivosos (fazendo alusão aos *Enragés* da Revolução Francesa), não pediram autorização. Nem aos homens públicos, nem aos políticos, nem aos intelectuais! Franceses, belgas, alemães e gregos, negros, brancos, pardos, marrons, homens e mulheres! Cidadãos sem documentos, dos Estados-mundo, sem carteira profissional, do planeta globalizado pela mundialização do capital. Jovens sem futuro, da terceira geração de migrantes cujos avós ajudaram a reconstruir a Europa destruída pela ciência da morte e pela tecnologia da destruição a serviço da sanha do capital insaciável! Foram esses atores inesperados, imprevisíveis, que assumiram a verdadeira cena política da Europa durante mais de um mês!

Parece ser um sinal dos tempos que uma parte significativa dos movimentos sociais aja sem autorização dos políticos, dos cientistas ou dos intelectuais! É possível observar-se a proliferação de redes diversas na INTERNET, que se transformou num poderoso instrumento de produção e difusão de conhecimentos. Mas também de posicionamentos. Sem dúvida

alguma os jovens “mais ou menos europeus” puderam generalizar rapidamente suas ações e fazer o mundo tomar conhecimento de suas causas, graças a elas, às redes, também. A INTERNET democratizou socialmente as trocas de informações e de conhecimento e socializou os posicionamentos, internacionalizou-os. Hoje são mais de um bilhão de pessoas em todo mundo a utilizar a INTERNET. Mas como tudo tem o seu contrário, se as redes de produção, comunicação e difusão de conhecimentos e informações se apropriam da INTERNET para a crítica totalizante do mundo atual, por sua vez, o capital, o Estado-capital, procura controlar cada vez mais tais redes. O capital e o seu Estado produzem outras tantas para fins de reprodução do fetichismo da mercadoria, para a difusão do fetichismo do fetichismo, ou simplesmente para a manutenção da ordem do capital cimentada por sua ideologia. A chamada *Indústria Cultural* se acha presa às suas redes, reproduzindo-as. Por mais ilusões que se cultive assim, referente a qualquer distanciamento e a uma qualquer neutralidade, as malhas dessa rede se encarregam de destruí-las. Nenhuma neutralidade é possível e não existe distância que não seja alcançada por ela.

Resta-nos alguma esperança? Com ela poderemos nos confrontar, não somente o diagnóstico mais que pessimista estabelecido pelos críticos da cultura capitalista da famosa Escola de Frankfurt, mas com o mundo atual ele mesmo. Não temos, portanto, nenhum motivo para recusarmos a concepção de uma ética para a ciência, não somente de Marx, mas também de Nietzsche, de Freud, de Einstein e de tantos outros, quando diziam, não ter nenhum sentido a nossa ciência se não for para aliviar o fardo e os problemas dos homens! À crise total de hoje se junta, por conseguinte, aquela da própria ciência que se vê destituída de sentido, capturada que se acha na sua maioria, pelas malhas da acumulação de forças destrutivas e especulativas do lucro fictício. Mas como a velha toupeira movida pelas forças cegas da pulsão de vida, enquanto existir forças, existirá esperança! Cada vitória do conhecimento e da arte será sempre uma vitória da vida, na luta pela vida que não quer outra coisa senão vida para ser bem vivida e viver e deixar viver! Que melhor motivação poderia ter ela, a nossa ciência, senão o gozo de poder revelar, explicar, ajudar a encontrar soluções a todos os fardos. A grande questão é que estamos procedendo, não todos, mas boa parte dessa consciência crítica não corrompida e anti-corruptora, como se tivéssemos todo o tempo do universo. A historicidade do planeta terra não obedece à historicidade do cosmos apenas, pelo menos enquanto o homem for a natureza tomando consciência de si mesma! O fator consciência muda essa historicidade, para o bem e para o mal. É urgentemente preciso generalizar a consciência-mundo crítica assumindo toda sua responsabilidade. 500 anos de capitalismo nos limites de suas reservas naturais e de seu equilíbrio ecológico. Estamos assim, todos, indistintamente de classes e profissões, diante de uma gigantesca bomba-relógio. Quem irá procurar desarma-la? Quem pensa que poderá correr?